

Rafael Ferreira Durão



Nascido no sábado 17Mai1930 na Praça Marquês de Pombal, da freguesia urbana de Nossa Senhora da Anunciada em Setúbal, filho de Margarida Maria Ferreira Durão e do major de artilharia Ricardo Malhou Durão (18Mai1890-10Fev1977).

Em idade escolar, ingressa no Colégio Militar - tal como seus irmãos Ricardo Fernando (nascido a 13Jun1928 em Setúbal) e Roberto (que virá a nascer a 28Fev1932 em Évora).

- em 24Out1947 transita para a Escola do Exército;
- em 30Set1951 conclui o curso da Arma de Cavalaria, sendo promovido a aspirante-a-oficial;
- em 03Set1952 colocado no RC5-Aveiro;
- em 01Nov1952 promovido a alferes;
- em 15Mai1954 transferido para a EPC-Santarém;
- em 27Jul1954 regressa ao RC5;
- em 01Dez1954 promovido a tenente;
- em 31Jan1955 transferido para o RC8-Castelo Branco;
- em 09-15Jul1955 conclui na base espanhola de Alcantarilla o curso de pára-quedismo militar, sendo-lhe concedido o brevet nº 11;
- em 03Mar1956 transferido do Exército para a Força Aérea e colocado no BCP-Tancos;
- em 01Nov1956 nomeado 2º comandante interino do BCP;
- em 01Dez1956 promovido a capitão de cavalaria pára-quedista;
- em 18Jul1958 casa em Lisboa na Igreja de Fátima, com Maria Luísa da Fonseca Ferreira Simões;
- em 01Abr1961 agraciado com a **Medalha de Mérito Militar de 3ª Classe** (cfr OA.3/2ª/61);
- em Out1961 Oficial de Operações e Comandante da 1ª Companhia do BCP;
- em 15Dez1961 promovido a major;
- em 01Dez1963 promovido a tenente-coronel;
- em 06Mar1964 cessa funções no RCP-Tancos e segue para a Província Ultramarina de Moçambique, a fim de assumir em Lourenço Marques o comando do recém-constituído BCP31-Beira, unidade de elite da FAP que vai ser deslocada para o norte de Moçambique a fim de efectuar patrulhas, junto à fronteira fluvial do Rovuma durante 9 meses e posteriormente na margem oriental do lago Niassa;
- em 18Mai1966 regressa ao RCP;
- em 13Dez1967 segue para a Província Ultramarina de Angola e assume o comando do BCP21-Belas;
- em 06Set1968 promovido a coronel;
- em 13Mai1970 louvado pelo CCFAA: *«O General Comandante Chefe louva o Coronel Pára-quedista Rafael Ferreira Durão, Comandante do Batalhão de Caçadores Pára-quedistas nº21, por um período superior a dois anos e meio, pela forma enérgica, dinâmica e persistente como comandou a unidade, onde desenvolveu intensa e profícua acção de planeamento, coordenação e impulsionamento da actividade operacional e, sobretudo, pela indiscutível influência que teve nos êxitos alcançados pelos Pára-quedistas, quer acompanhando frequente e voluntariamente os seus homens em acções de combate, numa das quais foi ferido pelo fogo inimigo, quer revelando características de agressividade, firmeza e decisão verdadeiramente notáveis no comando de operações de âmbito mais largo e de execução difícil. Afirmou, assim, em todas as circunstâncias, coragem e valentia invulgar debaixo de fogo, que permitiram resultados relevantes e constituíram exemplo dignificante que muito concorreu para estimular o valor combativo das suas tropas, que constituem a minha reserva.»* (cfr OS.19/70);
- em 20Jun1970 agraciado com a **Cruz de Guerra de 2ª classe** (cfr OA.17/2ª/70);
- em 29Jun1970 regressa ao RCP;

- em 20Ago1970 colocado na DSI/EMFA;
- em 20Mai1971, tendo sido requisitado pelo CCFAG, segue para a Província Ultramarina da Guiné e assume no noroeste em Vila Teixeira Pinto, o comando do CAT;
- em 29Jun1971 assume o comando do CAOP1-Teixeira Pinto/Mansoa;
- em 21Mai1973 transfere o seu comando para a região sudoeste e instala-se no CAOP3-Gadamael;
- em 02Jun1973 regressa à Metrópole e fica colocado no Comando da 1ª Região Aérea;
- em 29Ago1973 agraciado com a **Medalha de Prata de Valor Militar com palma**: *«Manda o Governo da República Portuguesa, pelo Ministro da Defesa Nacional, louvar, por proposta do comandante-chefe das forças armadas da Guiné, o coronel Pára-quedista Rafael Ferreira Durão, pela forma brilhante e determinada como desempenhou as funções de comando que lhe foram cometidas durante a sua comissão de serviço na província da Guiné. Nomeado por escolha para o comando onde se desenvolvia o principal esforço de manobra do comando-chefe, incutiu nas suas tropas, pelo exemplo, acentuado cunho de agressividade e prontidão para o combate, conduzindo-as a assinalados êxitos, que, desequilibrando o inimigo em zonas fulcrais do teatro de operações, lhe facultaram o integral cumprimento da complexa missão que lhe tinha sido confiada. Tendo tomado parte como combatente em muitas acções de elevado risco e sob intenso fogo inimigo, em todas elas confirmou, de forma inequívoca, as extraordinárias qualidades de coragem, sangue frio e total desprezo pela vida já anteriormente reveladas e que estão na base da honrosa cruz de guerra que ostenta. Escolhido para comandar o comando operacional nº 3, face a uma situação altamente crítica e que só um oficial com excepcionais qualidades de comando poderia dominar, conseguiu o coronel Durão, mercê do seu extraordinário vigor e serena valentia, exercer uma acção a todos os títulos notável, que evitou às nossas forças um gravíssimo revés. O coronel Durão contribuiu decisivamente com a sua acção para o lustre das armas portuguesas no teatro de operações da Guiné, ganhando jus ao agradecimento da Pátria, que vem servindo com rara abnegação, em evidente demonstração do seu excepcional valor militar. Manda o Governo da República Portuguesa, pelo Ministro da Defesa Nacional, condecorar, por proposta do comandante-chefe das Forças Armadas da Guiné, o coronel Pára-quedista Rafael Ferreira Durão com a medalha de prata de valor militar, com palma, porque participou em numerosas acções de elevado risco e sob intenso fogo inimigo e conduziu as suas tropas e assinaláveis êxitos, os quais, desequilibrando o inimigo em zonas fulcrais do teatro de operações, lhe facultaram o integral cumprimento da complexa missão que lhe fora confiada, face a uma altamente crítica e onde se desenvolvia o principal esforço de manobra do Comando-Chefe da Guiné. O coronel Ferreira Durão exerceu uma acção a todos os títulos notável, revelando extraordinário vigor, sangue frio, audácia, desprezo pelo perigo e arrojo em frente do inimigo.»* (cfr DG.202/2ª/73);
- no final da manhã de 15Mar1974, integra um grupo de oficiais que reúne na Praça Marquês de Pombal e pouco depois no salão do Hotel Embaixador almoça com o general Spínola, recém-exonerado do cargo de vice-CEMGFA;
- em 25Abr1974 promovido a 2º comandante do RCP;
- durante a manhã de 27Abr1974, precedido pelo capitão PQ José Ferreira Barroca Monteiro acompanhado por uma CCP transportada de Tancos em 4 Berliets, desloca-se a Coimbra onde às 12:45 usurpa o comando do QG da respectiva Região Militar;
- em 21Mai1974 promovido a comandante do RCP;
- em 31Mai1974 formalizada a sua nomeação, pelo general Spínola, para o Conselho de Estado;
- em 30Set1974 cessa funções no Conselho de Estado;
- em 13Out1974 no RCP - em simultâneo com a entrega da BA12-Bissalanca a comissários do PAIGC -, ocorre o conluio do comité local do MFA - chefiado pelo tenente-coronel Silva e Sousa, coadjuvado pelo capitão Mário Pinto e outros cinco capitães -, no intuito de sanear o comandante dos pára-quedistas:
- *«Eram tidas já naquela altura por progressistas [determinadas facções das FA's], e nas quais militavam nomeadamente: o almirante [i.e, vice-almirante graduado António Alva] Rosa Coutinho [14Fev1926-02Jun2010], o general [i.e, coronel de engenharia] Vasco [dos Santos] Gonçalves [03Mai1921-11Jun2005], os comandantes [capitão-tenente Carlos de] Almada Contreiras [1941-18Dez2024], [o capitão-tenente*

graduado Manuel Beirão] *Martins Guerreiro* [11Out1940], [o falso médico 1º tenente Jorge] *Ramiro* [Pedroso] *Correia* [15Out1937-16Ago1977] o 1º tenente [José Manuel Miguel] *Judas* [18Jun1948], [todos controleiros do PCP na 5ª Divisão], *os capitães* [SAM Manuel António] *Duran* [dos Santos] *Clemente* [28Jun1942], [de artilharia Humberto Augusto] *Ferreira de Sousa* [ligado ao PCP], [de engenharia Vítor Manuel de Almeida] *Cabral e Silva*, [de engenharia] *Geada, Graça e Cunha* [estes dois da FAP], [o capitão de engenharia Luís Ernesto de Albuquerque] *Ferreira de Macedo* [Set1947-14Nov2020], [o capitão de artilharia Eduardo] *Dinis* [Leitão dos Santos] *Almeida* [07Jul1944-16Abr2021]; e muitos outros. Estes oficiais, ligados a partidos políticos aventureiristas ou directamente conotados com interesses internacionalistas, tentavam manipular (e conseguiram-no inteiramente) a Assembleia do MFA, mediante processos antidemocráticos de votação que inexplicavelmente surtiam efeito - votação de braço levantado, dialéctica grandemente atentatória da mais elementar ética militar, cansativa e massacrante seguida da apresentação de moções já preparadas, nos momentos em que o cansaço era geral, etc. -, face a uma passividade flagrantemente vergonhosa da maioria dos elementos que a ela assistiam, e da própria mesa da Assembleia. Grande parte das moções apresentadas por aqueles grupos constituíam autênticos desvios do Programa inicial do 25 de Abril de 1974 e apesar de, por vários oficiais terem sido denunciadas como gravemente lesivas dos interesses da Nação e do Povo Português, e de mesmo o atraíçarem, foram no entanto aprovadas sem dificuldade face à manipulação verdadeiramente escandalosa exercida sobre a Assembleia do MFA. São exemplos disso os casos: da unicidade sindical [planeada pela Intersindical por intermédio de conluio entre o tovarich Carlos Alberto do Vale Gomes Carvalhas [09Nov1941] (em 12Jul1974 nomeado secretário do Trabalho) e o controleiro capitão da FAP José Inácio da Costa Martins [1938-06Mar2010] (em 17Jul1974 nomeado ministro do Trabalho), com diversos camaradas controleiros do PCP nas 2ª e 5ª Divisões do EMGFA]; institucionalização do MFA [forçada desde 26Abr1974 pelo respectivo comité controleiro]; e a amplitude do Pacto político [que logo após o "afastamento" de Spínola passou a ser descaradamente negociado] com os Partidos concorrentes às eleições.»¹

- «Apesar de ser voz corrente notícias acerca da existência de "tupamaros" e outros elementos estrangeiros ligados a grupúsculos pseudo-revolucionários portugueses (LUAR, PRP/BR, etc.) e de ser geral o repúdio pela intromissão dessas organizações estrangeiras no nosso País - até porque em reuniões já havidas, teriam mesmo comparecido diversos oficiais das Forças Armadas com conhecimento e anuência de altas entidades militares -, não fôra nunca contactado no sentido de, pela força, alterar a situação caótica e anárquica para que encaminhávos o País. Corriam notícias, meses antes do 11 de Março, indicando que através desses elementos estrangeiros, era já executada uma apertada vigilância sobre muitos oficiais e desenvolvia-se um controle verdadeiramente "pidesco" sobre os movimentos de entrada e saída de forças nos quartéis. Para além disso, dentro dos próprios quartéis estava a ser detectada uma verdadeira espionagem por parte de alguns oficiais, manipulados pelos partidos políticos, que já naquela altura se cognominavam de mais progressistas. [...] Em conversas tidas com o presidente da República [general Francisco da Costa Gomes] e com o CEMFA [general graduado Narciso Mendes Dias, 16Set1935], estes claramente me expuseram as suas preocupações acerca dos métodos pouco leais e dignos seguidos por determinadas facções do Exército, Marinha e Força Aérea.»²
- «Há algum tempo já começara, no entanto, a verificar-se na própria mesa da Assembleia [do MFA] uma profunda cisão, entre os oficiais do "Conselho dos Vinte" (PR, CEMFA, CEME, CEMA, general [brigadeiro graduado Aníbal José Coentro de] *Pinho Freire* [04Mar1935-02Nov1999], general [Nuno Manuel Guimarães Fischer] *Lopes Pires*, major *Melo Antunes*, major [piloto-aviador José Bernardo do] *Canto e Castro* [26Abr1942], capitão [de infantaria] *Vasco* [Correia] *Lourenço* [19Jun1942] e outros elementos considerados moderados), contra o primeiro-ministro *Vasco Gonçalves*, primeiro-tenente *Judas*, comandante *Almada Contreiras*, almirante *Rosa Coutinho*, etc. Havia por sua vez na restante Assembleia, uma corrente de extrema-esquerda muito aguerrida e altamente corrosiva, a qual não se mostrava completamente coesa, antes parecia patente em alguns elementos a manipulação de vários partidos da esquerda e extrema-esquerda, comportando-se mais como porta-vozes desses partidos do que elementos

- responsáveis e idóneos para resolver os destinos da revolução. Faziam-se apelos sucessivos à união das Forças Armadas, mas na prática minava-se a própria disciplina das Forças Armadas.»³*
- *«Já há cerca de uma semana [antes de 28Fev1975] estávamos organizando [com grande parte dos operacionais retirados da Guiné, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe, Moçambique] um Batalhão de Caçadores Pára-quedistas, cujo comando era daquele oficial [major pára-quedista Joaquim Mira Mensurado], com base num estudo de reestruturação das Tropas Pára-quedistas que estava sendo elaborado há mais de um mês, por uma comissão de estudo e reorganização presidida por mim próprio. [...] O próprio presidente da República, perante o CEMFA [general graduado Narciso Mendes Dias], já me solicitara e a muitos oficiais com comando de tropas [operacionais, nomeadamente os pára-quedistas], relativamente pouco tempo antes de Março de 1975, que nos organizássemos. [...] Esta entrevista com o presidente da República, fôra por mim pedida para lhe expôr o meu ponto de vista em relação a vários problemas já discutidos e em discussão nas AMFA's [Assembleias do MFA], que não nos agradavam pelas repercussões políticas e disciplinares, ostensivamente ameaçadoras da unidade e da coesão das Forças Armadas. Foi no decorrer deste encontro que o presidente da República, apoiando as nossas sugestões [na qualidade de comandante do RCP-Tancos], nos pediu toda a nossa ajuda.»⁴*
- *«De fonte fidedigna nacional e estrangeira, ter-se-ia marcado para a noite de 12/13 de Março a liquidação física de civis e oficiais do Exército, Marinha e Força Aérea considerados mais moderados, constantes de uma lista elaborada em reunião havida entre elementos estrangeiros "tupamaros, montoneros", revolucionários espanhóis [bascos da ETA], etc., e oficiais ligados ao PC e extrema-esquerda. [...] Dessa reunião teria resultado a execução de uma lista de oficiais a liquidar. [...] Dessa lista constariam entre outros, os nomes dos generais Spínola e Costa Gomes. Aliás, deveria já ter terminado uma reunião na noite da véspera, na qual teriam tomado parte os capitães [de artilharia Rodrigo Manuel Lopes de] Sousa e Castro [18Jan1944], [de artilharia Joaquim] Branco Evaristo (da PSP) e outros oficiais, conforme me foi confirmado posteriormente [pelo capitão de engenharia Manuel José Fernandes, colocado na AM e um dos oficiais nomeado dias depois para a "Comissão de Inquérito do 11 de Março"]. [...] O "coito" de alguns desses elementos estranhos ao País se encontrava no RAL1 (actualmente RALIS). A operação a desencadear por esses grupos tinha o nome de "matança da Páscoa" e muitos dos oficiais e civis ameaçados vieram [na noite de 10] refugiar-se em Tancos, dado que se iria desenvolver uma contra-ofensiva nacional com a finalidade de neutralizar a acção do RAL1 (comprometido com a operação da "matança da Páscoa"), pondo fim à conturbação e indisciplina de algumas unidades das Forças Armadas e à tentativa de golpe de Estado a desencadear pelo PC e extrema-esquerda. Esta operação [de antecipação] teria assim a concordância do próprio PR [provisório e CEMGFA general Francisco da Costa Gomes] e da maioria dos elementos do Conselho dos Vinte, pois como era do conhecimento geral, o general Costa Gomes teria do antecedente contactos bastante estreitos com o general Spínola. Aliás, pretendia-se apenas afastar, depois do êxito daquela acção militar, alguns elementos desse Conselho que comprometiam a acção das Forças Armadas no cumprimento integral do Programa de 25 de Abril de 1974, continuando o general Costa Gomes [30Jun1914-31Jul2001] na presidência da República e ficando o major [de artilharia Ernesto Augusto de] Melo Antunes [02Out1933-10Ago1999] como primeiro-ministro (palavras proferidas [ao fim da noite de 10 em Tancos] pelo próprio general [António Sebastião Ribeiro de] Spínola [11Abr1910-13Ago1996], perante o general [piloto-aviador] Tavares Monteiro entre outros), respeitando-se a realização das eleições para a Assembleia Constituinte.»⁵*
- *«Disse então [no gabinete do comando do RCP] ao segundo-comandante [tenente-coronel pára-quedista Sílvio Jorge Rendeiro de Araújo e Sá], para reunir todos os oficiais e sargentos na biblioteca. [...] Reuni na biblioteca com todos os oficiais e sargentos da unidade, aos quais expliquei o ocorrido. Durante esta reunião recebi um telefonema da BA3, informando-me que deveria estar a chegar um helicóptero àquela base para nos transportar (a mim e ao [comandante da BA3-Tancos] coronel [piloto-aviador Augusto Paulo] Moura dos Santos) a Monsanto. Continuei a reunião e despedi-me de todos. No automóvel do comando desloquei-me à BA3 onde me despedi da minha mulher, embarcando no helicóptero para Monsanto às 17:15.»⁶*

- «*Depois o Rafael Durão telefonou para Lisboa pedindo um oficial mais antigo para o prender, fazendo eu o mesmo. Assim aconteceu, tendo eu e ele sido detidos ainda nessa tarde: fui preso como já referi [pelo major de infantaria 'comando' José de Almeida Pinho Bandeira] e o Durão por um coronel mais antigo que ele. Os outros tipos ficaram por lá a fazer as assembleias do costume, convencidos de que não lhes ia acontecer nada; mas na noite seguinte também foram presos.*»¹
- ao anoitecer de 11Mar1975, em consequência da intervenção de tropas pára-quedistas em Sacavém, apresenta-se no comando da FAP em Monsanto e fica detido no Forte de Caxias a mando do COpCon;
- em 20Dez1975 o semanário Expresso publica-lhe uma carta: «*Porquê a diferença de tratamento entre os que foram presos no 11 de Março e no 25 de Novembro? Porquê o realce que alguns órgãos de informação já vão dando a todas as pressões que os familiares dos militares agora presos, fazem no sentido de serem soltos já? Porquê o espanto em relação à incomunicabilidade de alguns que estão a ser ouvidos pelo 25 de Novembro quando ninguém se referiu, na altura, à incomunicabilidade sofrida por alguns do 11 de Março, que chegou aos 90 dias, sujeitos até a interrogatórios em que nem sempre a sua dignidade foi respeitada? Sobre o 28 de Setembro, que se apurou afinal de concreto àcerca daqueles que continuam presos? Por que só agora o CR resolveu acabar com o malfadado Supremo Tribunal Revolucionário, que ele próprio criou após o 11 de Março para os outros? Não haverá fortes razões para [o comandante da RML e do CopCon general graduado] Otelo [Nuno Romão Saraiva de Carvalho, 31Ago1936-25Jul2021], ser também interrogado?»*
- em 23Dez1975 libertado do Forte de Caxias, a instâncias de Daniel Proença de Carvalho (seu advogado no "Processo do 11 de Março");
- em Abr1976 regressa ao Corpo de Tropas Pára-quedistas;
- em 1981 colocado no gabinete do general CEMFA;
- em 06Out1982 reintegrado nas Forças Armadas, por despacho do CEMFA;
- em 28Out1982 promovido a brigadeiro;
- em 30Abr1986 regressa ao Exército;
- em 01Mai1986 passa à situação de reserva;
- em 31Dez1993 passa à situação de reforma;
- em 29Dez2008, após prolongada doença morre às 14:00, como major-general.

Na manhã de 31Dez2008, préstito fúnebre da Basílica da Estrela para o cemitério dos Olivais.
Paz à sua Alma.

¹ (cfr Rafael Durão, in "11 de Março": excertos do seu depoimento prestado em Mai1976); ² (idem, ibidem); ³ (idem, ibidem); ⁴ (idem, ibidem); ⁵ (idem, ibidem); ⁶ (idem, ibidem); ⁷ (António Joaquim Ramos (05Out1942-05Ago1997), tenente-coronel pára-quedista: excerto de entrevista, concedida em 26Set1996 ao coronel de infantaria Manuel Amaro Bernardo)